

REDACÇÃO

Rua Nova do Ouvidor, n. 6

Publicação quinzenal.

A MOCIDADE

ORGÃO LITTERARIO

ASSIGNATURA

Por semestre . . . 3\$000
 Por trimestre . . . 1\$500
 Mensal 500

1-148
 51



A MOCIDADE

Foi um dia lindo o dia 12 de Setembro de 1831. Já pela manhã as harmonias pareciam dar ás varzeas e valles de S. Paulo uma certa alegria que só depois de muito poudo o povo comprehendia.

Alvares de Azevedo havia nascido nesse dia. Predestinado para collocar-se a par dos primeiros poetas brasileiros, Alvares de Azevedo correu rapido no estudo dos preparatorios, recebendo tanto os elogios de Mr. Stoll, cujo importante estabelecimento cursou, como justos premios no Collegio de Pedro II, donde sahio em 1847 com o titulo de bacharel em letras. No anno seguinte dirigio-se elle para S. Paulo onde matriculou-se no 1º anno do Curso Juridico. Foi ahi que Alvares de Azevedo deu maior expansão á sua lyra. Compunha poesias de primor inexcédível e, como se póde ver por estes versos, raras eram as vezes que emendava :

Frouxo o verso, talvez pallida a rima
 Por estes meus delirios cambeteia,
 Porém odeio o pó que deixa a lima,
 E o tedioso emendar que géllo a veia ! !

Odiava o pó que deixa a lima ! era quasi um perfeito poeta extemporaneo ! Tudo era assumpto, tudo nelle regumava essa poesia sonora e inelliffua que enleva e arrebatava o espirito nas azas de uma harmonia indefinivel.

Vede com que naturalidade descreve o poeta o seu quarto de estudante.

Reina a desordem pela sala antiga,
 Desce a teia de aranha ás bambinelas,
 A' estante pulvrenta. A roupa, os livros
 Sobre as cadeiras poucas se confundem.
 Marca as folhas do Fausto um collarinho
 E Alfredo de Musset encobre as vezes
 De Guerreiro, ou Velasco um texto obscuro.

Mas bem poucos são os poetas que não têm os senões. Alvares de Azevedo, assim como Varella e Castro Alves, também dizia :

Satan leve a tristeza ! Olá ! meu pagem,
 Derrama no meu copo as gotas ultimas
 D'essa garrafa negra...

Eia ! bebamos !

E's o sangue do genio puro nectar
 Que as almas do poeta divinisa,
 O condão que abre ao mundo das magias !
 Vem fogoso cognac ! E' só contigo
 Que sinto-me viver...

Pobre poeta ! afogava no cognac as suas melancolias ! Mas infelizmente tarde foi que disse :

Fui um louco, meu Deus, quando tentava
 Descorado e febril nodoar na orgia

Os sonhos do poeta !

Alvares de Azevedo era o poeta com o fogo do delirio, o filho extremoso e o bom irmão.

A mãe estremecia-o como sôem estremecer esses entes cheios de carinho e de amor quando balbuciam o doce nome do filho.

N'uma dessas noites em que parece que os anjos andam preparando os espiritos para os decretos da Providencia, sonhou, e esse sonho dizia que o filho morreria no seu proprio leito.

Que lucto não lhe cobrio a alma ! Mas o tempo correu, e aquella pesadela ia-se já varrendo da lembrança.

Chega o dia 10 de Março e os primeiros symptomas, mas já terriveis, fazem fugir qualquer esperança de melhora. O calor abrasava, a febre queimava o pobre enfermo ; a pedido deste mudaram-no para a cama da mãe, que já esquecida, só pensando no filho de sua alma consentio na mudança. Tudo foi baldado.

A 25 de Abril de 1852 cessava o grande poeta de existir.

A infeliz mãe ao advinhar o momento supremo do filho querido que não poudo assistir, lembrou-se da noite fatal e tombou sem sentidos.

Tinha cumprido o sonho.

LITTERATURA

Gallicismos.

Ha muito que os gallicismos e toda a sorte de vícios que deturpam a linguagem têm soffrido uma

FOLHETIM

O SEGREDO DO SUICIDA

POR

A. Jacintho Pimenta

Começaram então os cumprimentos tão usados depois d'essas saudações em que o bordeaux e o porto jámais são esquecidos.

Fernando, que incumbira-se de responder, agradeceu o brinde dirigido pelo sabio á sua familia ; erguendo-se em seguida fez um outro á menina Julia, que não poudo simular o carim que tingio-lhe as faces ao ouvir a justa enumeração de seus encantos nos labios daquelle mancebo que conhecia de pouco.

A convite do velho Bernardo, levantaram-se todos da mesa, e por proposta de Fernando acceitaram um passeio pelo jardim, reputado no dizer de muita gente sensata o mais interessante de Cara vellas.

4 Ao lado esquerdo do horto alguns pés de acacia e espondeira entre outras arvores formavam um circulo á imitação de uma clareira artificial. Alguns bancos da mesma cor da folhagem destacavam-se em pouca distancia por baixo de vistosas arvores, que pela maior parte amarellejavam das fragranças florinhas de que sabem cobrir-se em certas epochas do anno.

O Dr. Valerio e o velho Bernardo caminhavam á frente ; Julia e Fernando iam alguns passos atraz, calados ambos, porém revolvendo no intimo uma linguagem muito mais significativa e sincera que outra qualquer.

Maria, a boa mãe de Fernando, vinha mais atraz, parava de vez em quando para olhar as lindas flores que ella propria aprazia-se em convellir um ou outro pésinho de gramma que teimoso brotava junto a esta ou aquella flor que mais apreciava.

Fernando caminhando sempre colhia aqui uma violeta, alli uma rosa que offerecia á Julia, a qual em troca dava-lhe um mimoso sorriso ou depunha a flor no collo alabastrino.

Chegaram assim á entrada da especie de clareira, que fallámos, onde os raios do sol poente escoando por entre as ramas imprimiam no lado opposto a figura das folhas que meneavam ao brando sopro do zephyro vespertino.

Sentaram-se todos nos bancos e esperavam por Maria que, não obstante vir andando de vagar, não se fez esperar por muito tempo.

O café foi servido ; os nossos personagens ainda se entreteram por meia hora em conversas banaes. Fernando foi o primeiro que interrompeu-os, procurando mudar de assumpto.

— A occasião não póde ser mais propicia, estamos sós, podemos e devemos mesmo tratar neste momento do importante deposito que tenho em meu poder. Por ora nada sei, ignoro até a responsabilidade que pesa sobre mim. O infeliz afogado tinha uma familia que a mim me recommendou, pediu-me que d'ella tivesse commiserção, que a prolegesse.

Essa familia é pobre, como sabemos, portanto desde que acceitei e prometti ao infeliz que faria o que me pedisse, que descansasse e tranquillisasse a alma, tudo corre sob minha responsabilidade, e o que eu não fizer do que me comprometti sentirei remorso e meu espirito jámais poderá repousar um só instante. Assim pois faltemos e resolvamo-nos a obrar o mais acertado e prudente ; podia, é verdade, tratar disto mais particularmente, mas como entendo que as pessoas a quem communiquei o que confiaram-me não são mais do que partes de um mesmo todo, não comino por isso a minha consciencia de haver divulgado um segredo, um segredo que eu proprio ignoro. O infeliz não queria entregal-o ás ondas, tinha alguma esperança que transmittio para mim quando concebeu a terrivel idéa que lhe bafejou no cerebro hallucinado o terror do mal de que era v'ctima.

— Em tudo tens razão, meu filho, retorquiu Bernardo ; tens até para te impacientares pela demora com que estão se fazendo estas cousas ; mas é preciso paciencia, em tudo paciencia, sem o que nada far-se-ha com perfeição. Foste tu mesmo que quizeste dar mais esta prova de confiança que depositas em nós todos. Agora penso também contigo ; julgo que a occasião é bem opportuna e que não devemos a deixar passar,

guerra do morte. F. Manoel do Nascimento era um inimigo acerrimo de tal usança, e de tal modo que quando dispunha de tempo não deixava de empregar-o no combate de tão feio uso.

Eis uma poesia em que elle patenteia a aversão que votava aos gallicismos :

Abra-se a antiga veneranda fonte
D'os genuinos classicos e soltem-se
As correntes da antiga e sã linguagem.
Rompam-se as minas gregas e latinas;
(Não cesso de dizer, porque é urgente)
Cavemos a facundia que abasteça
Nossa prosa eloquente e curto verso.
Sacudamos das fallas, dos escriptos
Toda a phrase franceza e frandulagem
Dessa tinha, que comichona afeia
O gesto airoso do idioma luso.
Quero dar que em francez hajam formosas
Expressões curtas, phrases elegantes;
Mas indeoles differentes têm as linguas;
Nem toda a phrase a toda a lingua ajusta.
Ponde um bello nariz alvo de neve,
N'uma formosa cara trigueirinha;
(Trigueiras ha, que ás louças se avantajam)
O nariz alvo no moreno rosto,
Tanto não é belleza que é defeito.

Se por força de tudo ou por penuria
Forçados somos a espremer dos livros
Francezes o alimento das sciencias;
Se como na palestra empoeirada
Vamos lutar contra a ignorancia bruta
No gymnasio francez, tomemos o uso
Dos antigos athletas, que ao sahirem
Do pugilato ou fervida carreira,
A poeira dos factos sacudiam,
E banhando-se em liquidas correntes
Do Illisso (que, alli preto com sereno
Passeio, alegra as margens estudiosas)
Os corpos assestavam diligentes.
Assim vi sempre o litterato Erilo,
Depois de revolver francez volume,
Desempenhar-se da estrangeira phrase
O espanador de Barros ou Vieira.

PARNASO LUSITANO, T. 1º pag. 73.

Traços biographicos

Parece ter sido o Novo-Mundo o territorio abençoado e destinado para assistir os altos commettimen-

tos de um povo cuja liberdade e systema governamental dão-lhe a completa, a mais perfeita harmonia, essa felicidade que traz a paz, a tranquillidade ao espirito dos povos.

Ahi, á essa paz, á essa tranquillidade succedem minas de belleza, que abrindo derramam no paiz o perfume das flores que alcatifam os campos e as bellas campinas verdejantes.

De um lado o Mississipi, o Amazonas do norte, que batendo nas rochas quebra-se em alva espuma de encontro a lavados rochedos já cavos de tanto embargarem a impetuosidade da correnteza; de outro é um ruido immenso, é o Niagara decantado que levantando a nivea juba brame e faz ouvir aquelle rumor por espaço de muitas leguas...

Foi ahi, nesse paiz, onde tudo em actividade não permittia que o progresso alentasse o passo, o torção abençoado donde primeiro vio os raios do sol nado o grande George Washington, o eminente propugnador das liberdades do povo americano. Foi o dia 22 de Fevereiro de 1732, esse dia cuja lembrança está gravada com caracteres brilhantes na historia d'esse povo, avido sempre de novos inventos que venham confirmar mais a sua já tão justa reputação. Nasceu George Washington na cidade de Bridge-Creek na Virginea; foi o grande heroe, o incansavel defensor da independencia nacional.

Serviu contra os francezes do Canadá, mostrando sempre o valor e a coragem natural que o distinguia. Pugnou pela grande causa da liberdade do paiz até que alcançou um dia ser por unanimidade de votos proclamado presidente da republica dos Estados-Unidos!

A morte do grande Washington enlutou muitos corações. Por determinação do Congresso foi levantada uma estatua, que como a de Colombo tem o grande fim de perpetuar um facto immorredouro.

NOTICIARIO

CURSO DE PREPARATORIOS. — No dia 1.º de Agosto pretendo o nosso distincto collega o Sr. José Nicolau Burlamaqui abrir um curso completo de preparatorios á rua do Visconde de Itaipua n.º 98.

Julgamos qualquer recommendação inutil, pois a reputação do corpo docente que admite o nosso amigo já está bastante firmada no conceito publico.

Auguramos, pois, desde já prosperidade e longa vida ao novo externato.

A NEBULOSA. — Recebemos a *Nebulosa*, órgão litterario e scientifico elaborado por distinctos moços que á par dos que clamam pelo progresso pugnam pela mais nobre das causas, procurando vulgarisar a sciencia, esse pharol da humanidade, a gloria e o triumpho de um povo inteiro.

Desejamos prosperidade aos nossos collegas, e agradecemos a obsequiosa remessa.

GREMIO DRAMATICO FAMILIAR S. JOÃO BAPTISTA. — No dia 26, levou á scena o GREMIO DRAMATICO S. JOÃO BAPTISTA o drama *CORAÇÃO E GENIO*, original do escritor M. H. Pires Ferrão. O espectáculo terminou com o *DITO 30 FADO*, espiituosa comedia maravilhosamente interpretada pela Exma. Sra. D. A. V. Sydow e o Sr. Alberto de Menezes.

A *Mocidade* deixa aqui tambem um voto de agradecimento pela attenção da illustre directoria.

VARIEDADES

A herança

(Continuação do n. 3.)

« Bemdito seja o céu, exclamou o nosso heroe, o que tira com uma das mãos dá-o com a outra. » E eil-o a caminho para nova aventura.

D'esta vez o que lhe faz espanto, quando chega á capital, não são os corcundas, são os cegos de um olho; encontravam-se a cada passo, e era raro ver um homem com dois olhos.

No palacio do rei, historia semelhante á precedente: « O rei é cego de um olho, disseram-lhe, e não quer no seu serviço senão quem seja como elle; tire um olho, e será bem recebido, mas enquanto tiver os dois não espere d'elle cousa alguma! »

Perder voluntariamente um olho era ainda mais duro, do que ganhar uma corcunda, e o nosso pobre rapaz estava com mais vontade de mandar passear todos aquelles principes estropeados, e voltar para a sua terra.

Por um lado via-se perseguido pela miseria, pelo outro a ambição a metter-lhe na cabeça uma multidão de loucuras e de promessas mysteriosas. Em uma palavra, cedeu outra vez, fez que lhe arrancassem um o mais limpo e menos dolorosamente possivel, e apresentou-se ao rei, que o acolheu benignamente e encheu-o de honras e favores, e julgou-se senhor do mundo com

— Com certeza, fallou desta vez o engenheiro; pensamos todos do mesmo modo.

— Queres portanto, disse Maria, que se decida se é esta ou não a occasião de rasgar-se aquelle envolvero que cobre talvez um segredo importante, um arcano d'aquelle homem que viveu tanto tempo separado da esposa a quem idolatrava. Bem sei que tens tu, Fernando, pleno direito de fazer d'elle o que te approuver, comtanto que saibas cumprir a tua palavra. Mas como bom filho e bom amigo que és pensaste em consultar connosco, e é por isso que procuro dar tambem a minha opinião. Para que já que chegaste até hoje em completa ignorancia, para que já divulgar esse segredo, quando o deverias fazel-o na presença d'uma pessoa que nos falta e a quem ainda não conhecemos?

— A quem ainda não conhecemos... repetio Bernardo meio pensativo.

— Talvez a viuva, murmurou Julia, que apezar de calada ouvia com attenção aquella conversa.

— Exactamente, minha filha, exclamou a boa Maria; é ella mesma quem nos falta. Sim, se podemos abrir á vista da viuva para que não fazermol-o?

Julia baixou os longos e avelludados cilios ouvindo o tratamento tão meigo e affavel que lhe dava a mãe de Fernando. A differença da idade era o unico motivo que levava a boa mulher a fallar assim; pensava naquelle momento sómente no interesse do filho, por isso que não reparou no enleio em que puzera a linda menina.

— Que julgas, Fernando, da opinião de tua mãe? perguntou o velho.

— O que se póde julgar de uma opinião sensata e que merece ser posta em pratica.

— Estás decidido então?...

— E não devo estar?

— Deves, deves, meu filho; penso tambem com ella.

— Que me diz então, meu caro mestre, murmurou o manco; é tambem do mesmo parecer? olhe que precisamos sempre de dictames e conselhos como os seus.

— Obrigado; considero tambem como muito justa a opinião de D. Maria; acho-a acertada e de muita prudencia.

— Então podemol-a acceitar?

— Sem duvida, sem duvida; logo que reconhecemol-a conveniente, porque se não ha de acceital-a?

— Então está firmemente decidido que melhor será praticarmos o que acabamos de convencionar... murmurou o joven formado na sciencia do bom velho de Cós, receiando ainda alguma outra idéa mais concentanea.

— Firmemente.

— Pois bem; amanhã mesmo começarei a dar os primeiros passos...

Houve um momento de silencio. Fernando pensativo parecia pensar na responsabilidade, no deslace dessa obrigação em que se empenhou no curto lapso de uma viagem tão cheia de peripecias. Foi elle entretanto que rompeu o silencio.

— O dever é uma voz que resda no coração do homem, é a propria honra... Parece-me que se me recusasse a cumpril-o,

se cerrasse os ouvidos ao appello da consciencia ficaria deshonorado e desmereceria a meus proprios olhos...

Algumas horas depois apreciavam todos, excepto os pais de Fernando, que receiava o sereno da noite, o eclipse annuciado pelo astrónomo.

A lua tornou-se perfeitamente coberta ou mergulhada na sombra no momento marcado. Não obstante não ficava totalmente invizível da terra; via-se ainda pela decomposição dos raios solares na atmosfera terrestre o disco avermelhado e quasi escurecido como entre nuvens. Muito antes de terminad o eclipse entravam todos com receio da noite que começava a turbar-se e a ameaçar máo tempo. Grossas nuvens que se agglomeravam na atmosfera escondiam já completamente a lua e as lindas estrellas que brilhavam logo depois do anoitecer.

— Disponhamo-nos para andar, advertio o doutor á sobrinha, que levantou-se e foi lançar sobre os hombros torneados uma pequena capa com que tinha-se prevenido para a volta.

O astrónomo, querendo imitar os arabes, cobrio-se com um bedem, capa de que os mouros fazem uso no tempo de chuva.

— Já chove, menina, fallou o tio estendendo a mão para a rua para melhor assegurar-se do que asseverava; é preciso que não te demores.

— Como?! exclamou Bernardo, pois anima-se a sahir assim! olhe como está a chover agora.

(Continúa.)

um tão grande homem para lhe commandar as tropas.

Eis de novo o nosso grande homem improvisado gosando de uma brilhante posição, apesar dos suspiros, que a perda do olho e aquisição da corcunda; mas uma derrota, uma falta de habilidade, ou não sei que tolíe lhe valeu depressa novo desagrado, o que sempre acontece áquellas elevações repentinas, que não são justificáveis, nem têm bases! O rei, desenganado a respeito d'elle, tirou-lhe o bens e os títulos, mandou-o sair dos seus estados. nú e pobre como tinha entrado, e o nosso aventureiro achou-se outra vez em risco de morrer á fome.

Não vos enfadarei, meus leitores, com a narração da terceira tentativa que elle fez, e que acabou como as outras duas; direi somente que d'esta vez, querendo insinuar-se nas boas graças de um soberano preto, a quem vinha offerecer seus serviços, tingiu-se de preto, mas de tal modo, que a pelle ficou toda impregnada, e que não houve sabão, nem escova que o tornassem a fazer branco; ficou preto até ao fim da vida.

Depois d'esta terceira experiencia, tão infructuosa como as precedentes, o desgraçado perdeu emfim o animo, ou para melhor dizer, recuperou o juizo; percebeu a loucura dos seus sonhos e insensata ambição, e disse consigo que o melhor que tinha a fazer, era ir procurar sua irmã, a pobre choupana e a aldêa em que nascera. A custo chegou á costa, obteve um lugar gratuito no porão de uma embarcação, deixou a India, não levando das suas longas viagens senão um olho de menos, uma corcunda de mais, e uma pelle negra, que mettia medo.

Desembarcou com esta triste bagagem, e mendigando o pão de porta em porta, de aldêa em aldêa, voltou á terra natal, que ha muitos annos tinha deixado.

Correu á choupana onde espera encontrar a irmã; mas soube que já ali não estava, que tinha tido uma grande herança com que não contava, e que habitava um bello castello distante algumas leguas d'alli, para o interior; ella tinha, disseram-lhe, um irmão, que tinha ido ha muito para a India, e cuja morte lhe annunciaram, portanto recebeu toda a

herança, e está disfructando-a.

O nosso heroe não esperou que lhe repetissem a historia; a fortuna, que elle com tanto trabalho procurara na India, sem nunca a poder apanhar, estava á espera d'elle no seu paiz!

«Vou já procurar minha irmã, pensou elle; ella ha de ficar contente de tornar a ver-me, repartiremos entre ambos a herança, da qual me pertence a metade e seremos os entes mais felizes do mundo.

Ruminando estas, e muitas outras cousas, dirige-se ao castello da irmã, vòta, não anda; chega, manda abrir a porta, e diz que quer falar á dona da casa.

A' vista de tão medonha figura preta, e deforme, os criados cuidam que é o demonio, e não um homem: fecham-lhe a porta na cara, dizendo: — a senhora não o recebe.

O nosso homem, furioso, insiste, grita, ameaça, até quo o deixam entrar.

Apresenta-se uma senhora, reconhece a irmã, apesar do rico vestuario, e quer saltar-lhe ao pescoço, dizendo: «Minha irmã!»

Porém ella recua, assustada, dá um grito, e pergunta-lhe o que quer?

Elle diz o seu nome, diz-lhe que é seu irmão, que voltou da India, a reconhece perfeitamente, mas ella afasta-se horrorizada, julga que é um mendigo atrevido, que buscou aquelle pretexto para se lhe introduzir em casa, e não pôde reconhecer o irmão n'aquelle preto, cego de um olho e corcunda.

— Vós, meu irmão! diz ella; sois um impostor! Sei que meu pobre irmão morreu na India, assim m'o escreveram; e de mais, elle não era cego, nem corcunda, nem preto. Não, não, meu irmão tinha dois olhos, era direito, e bem feito, era branco. seria preciso que eu tivesse perdido o juizo para vos tomar por elle.

O infeliz em vão insistiu, supplicou, e se irou, nada conseguiu; e na verdade, com se pôde crer, que um homem se fizesse corcunda aos trinta annos, e preto de um dia para o outro? Foi, pois vergonho-

samente expulso do castello de sua irmã, e antes de chegar á cidade proxima para provar judicialmente a identidade da sua pessoa, cahio de inaccção na estrada, e morreu em uma choupana visinha de miseria e desesperação.

Um ratinho, prevenido por sua mãe para evitar as armadilhas, passou um dia por uma ratoeira, em que estava perfidamente suspenso um pedaço de toucinho appetitoso. Tentado pelo cheiro, o tontinho parou, e, pondo-se a namorar tão bom bocado, exclamou: «Oh! enganoso toucinho, o que tu querias era que eu te desse uma dentada, mas nessa não caio eu, porque sei que és uma armadilha» e dizendo isto, accrescentou: «Mas eu posso ao menos consolar-me com o seu delicioso cheiro.» E no momento em que estendeu o focinho, toca por descuido no toucinho fatal, a mola solta, e o imprudente ratinho fica preso na ratoeira.

Quem ama o perigo, nelle encontra a morte.

A condessa de Wurtemberg

Conrado III, imperador da Allemanha, irritado, porque o conde de Wurtemberg se tinha opposto á sua eleição, sitiou uma pequena cidade para onde elle se tinha refugiado. A cidade, completamente investida, foi obrigada a render-se á discreção. O imperador recusou capitular a favor do conde, e dos defensores da cidade.

— Não perdão senão ás mulheres, diz elle; podem sair levando o que quizerem.

Então a esposa do conde pôz o marido ás costas, e saiu carregando com aquelle precioso peso. As mulheres da cidade imitaram o exemplo, levando os maridos, ou os filhos. Vendo isto, o imperador enterneceu-se e cedendo á admiração deste procedimento, disse que perdoava aos

homens por amor das mulheres. Perdoou ao conde de Wurtemberg, e restituiu-lhe a posse da cidade.

Carta de pezames

MEU COMPADRE DE MEU CORAÇÃO E CAPITÃO-MOR.— Recebi o seu favor que me trouxe o Chico Barbeiro de v. m. e eu e minha dona ficamos todos muito consternados e passados com a nova da morte de sua amada, aquella alma do anjo do Paraizo, minha estimadissima comadre.

A Sra. dona poz-se logo a chorar e os meninos cá em casa fizeram tal berreiro, que por fim tambem eu chorava como uma criança. O afilhado isso então não se falla!

Apezar de ter tido muita vontade de ir ao enterro não me foi possível porque a casaca emprestei ha dous ou trez dias para um casamento do Joaquim. Alegre mata burro e em té hoje não me deu signal d'ella, sem duvida por que metteu-se no jiquipanga das vodas e passe por lá muito bem e a casa é longe como os seiscientos diabos.

Console-se porém o meu compadre que tudo no mundo é assim mesmo; logo o diabo havia de levar o que v. m. mais estimava e eu tambem, porque a Sra. D. Rosa era mesmo uma santa mulher como poucas de seu sexo, e fique certo que logo que o Mata-burro me trouxer a casaca estou prompto para qualquer enterro não só de pessoa de sua familia como com muito gosto até mesmo de v. m. que espero nunca faltarei.

Fazenda do Pau d'Alho, sexta-feira 20 do corrente mez do presente anno 1840.

M. S. DA S. E FARIA.

O homem que não pôde chorar

POR ALEXANDRE DUMAS

(TRADUÇÃO DE RODRIGO PAGANINO)

A algumas leguas da pequena cidade de Hamburgo havia um homem muito rico intitulado conde Baldrick.

Possuía muitas casas em Francfort, muitos castellos nas cercanias, e segundo era voz publica, tinham os seus dominios tal extensão, que não chegavam vinte e quatro horas para os percorrer.

Contava muitos criados, trens de caça, dos quaes se não servia nunca, e mesa esplendidamente servida, d'onde se levantava muitas vezes sem ter tocado sequer n'um prato.

Tinha a sua adega fama de guardar os melhores vinhos do Rheno, de França e da Hungria apresentavam-lhes em taças de prata e nacar, mas se por ventura as chegava aos labios, o que bem raro era, pousava-as logo na mesa, tendo-as libado apenas.

A este homem, por quem a fortuna parecia ter esgotado os seus thesouros todos, faltava uma cousa. Não podia chorar.

Nem o prazer, nem a dor lhe faziam assomar uma lagrima dos olhos.

Perdera seu pai não pudera chorar; perdera sua mãe e não pudera chorar; perdera dois irmãos e não conseguira chorar.

Finalmente sua mulher depois de dez annos de esterilidade dera-lhe uma filha, objecto de todos os seus desejos, e nem assim alcançara chorar. Tinha esta, quando começamos a historia, quatorze annos e chamava-se Lia.

Um dia entrou no quarto de seu pai, e foi encontrá-lo no canto mais escuro, sentado a suspirar.

— Que tem, meu pai? perguntou a criança; parece-me estar tão triste!

— Muito triste, dizes bem, filha; acabo de receber a noticia da morte de meu ultimo irmão; teu tio Carlos morreu...

Lia amava muito seu tio Carlos, que em todos os nataes lhe mandava formosissimos presentes.

Por isso, ao ouvir da bocca de seu pai semelhante noticia, desatou em pranto.

— Meu pobre tio! exclamou soluçando.

Bemaventurada creança, que podes chorar! murmurou o conde, olhando para sua filha com olhos de inveja.

— Mas se o seu pezar é tão grande como parece, porque não chora, meu pai? perguntou lhe.

— Ai, filha! as lagrimas são uma dadiua celeste, e o Senhor recusou-me semelhante beneficio: a sua misericordia infinita acompanha o que chora, porque o que pôde chorar chora a sua dor e as suas lagrimas tambem, mas eu... é mister que o coração me arrebeunte!

— Porque?

— Porque Deus me recusou o que concede á mais infima creatura: as lagrimas.

— Se Deus lh'as recusou, Deus pôde conceder-lh'as ainda; e tanto hei de pedir-lhe, com tanta vontade, que por fim lh'as ha de restituir.

O conde, porém, fez um gesto de duvida.

A minha sorte está determinada, devo morrer porque não posso chorar. Quando o coração não pôde conter mais lagrimas das que os olhos deviam verter, ha de rebentar, e terei deixado de padecer.

Lia ajoelhou diante de seu pai, e tomando-lhe as mãos:

— Não, não; meu pai não ha de morrer: deve por força haver meio de lhe restituir as lagrimas que perdeu; diga-me qual elle é, e deixe-me que eu conseguirei o mais.

O conde hesitou um instante como se realmente houvesse meio; mas elle de certo apresentava grandes difficuldades para uma criança da idade de sua filha, porque, sem responder, levantou-se e sahio.

Nessa noite não tornou Lia a ver seu pai. No dia seguinte esperou debalde por elle ao almoço. Não appareceu.

Mandou-lhe porém dizer que lhe fuisse fallar depois do almoço.

Apenas se levantou da mesa encaminhou-se logo para o quarto do seu pai

Encontrou-o como na véspera, meio sentado, meio deitado na sua poltrona, e com o rosto tão pallido como se estivesse morto

— Minha querida filha, disse-lhe, tenho o coração tão cheio e tão pesado que me parece que vai rebentar; sinto que as lagrimas me affogam, e rugem dentro em mim como a torrente que vai derrubar os diques; parece-me que vou também acabar despedaçado; chamei-te para que saibas que soffro o castigo de uma culpa que não cometti.

— Falle, falle, meu pai, exclamou a criança; talvez contando as suas desgraças lhe acudam as lagrimas.

O conde oscillou com a cabeça como quem perdêra de todo a esperança, mas nem por isso deixou de proseguir.

— Vou contar-te, minha querida filha, como e porque não permitto Deus que eu pudesse chorar.

Meu avô era homem duro de coração; chegara aos cincoenta annos sem que nenhum desgraçado conseguisse causar-lhe dó. Tinha uma saúde robusta e grandes riquezas, de sorte que não conhecera nunca nem miséria, nem doença: dizia mesmo que a doença era resultado da imaginação, e a miséria consequencia do deleixo. E quando se via obrigado a reconhecer que a molestia existia realmente, dizia que a doença occasionara o mal com a irregularidade de vida ou mau regimen. Por conseguinte, como nem os pobres, nem os doentes lhe causavam lastima, também não lhe mereciam soccorro.

(Continúa).

POESIAS

Melancholias.

Além no occidente o sol baqueia,
As nuvens se accendem lentamente
Desemboar-se ao estrangeiro o rosto
E a brisa que vaga no infinito
Murmura tristemente.

A noite se approxima, no horizonte
Já negra e feia barra se apresenta
Eil-a que vai cobrindo a cordilheira,
Que vista luctulenta!

São horas dos scismares, das tristezas,
Deixa então o zagal o seu labor,
Volta o pastorinho p'ra o tugurio;
E' tudo scismador.

Na ogiva resôa a campa funebre
A ave solta o canto derradeiro,
Voltando do labor afadigado
O triste pegureiro.

A. JACINTHO PIMENTA.

Que mal te fiz?

Que mal te fiz, criança, vem dizer-me
Não me olhes assim;
Foi culpa minha que em teus olhos
Eu visse um cherubim;

Que sentisse em ti um meigo encanto
Um casto sentimento puro e santo
Novo para mim?
Que mal te fiz? Se é crime amar

O crime não é meu
Amor, foram teus olhos seductores
Perdôa, não fui eu;
Deixa então a frieza do semblante,
Não receis tornal-o fascinante...
Que o crime vem do céu.
Que mal te fiz? porque essa esquivança
Tão estranha p'ra mim,
Explica-me ao menos, vem dizer-me

Não me deixeis assim;
Se peccado fôr acaso de dois entes
O sentirem affectos vehementes
E' máo um cherubim.

A. JACINTHO PIMENTA.

A tarde

.....vai pouco a pouco
Desmaiando o rubor dos horisontes,
E pela amena solidão dos valles
Caladas sombras pousão.....

(B. Guimarães).

Sumio-se o sol!... tão triste foi tremendo
Do mar azul nas vagas suspirosas
A coma mergulhar c'roada d'ouro...
Eis, desce manso e manso
Pousando no ermo a tarde; leves brisas
Sopram-lhe rindo as faldas palejantes.
Do seio do horizonte entre alvas nuvens
Nos acena a saudade;
E a sombria tri-teza já desparze
No céu as negras tranças.

Longe!... longe de nós grilhões pesados
Do dia rumoroso, agros trabalhos
Q'a mente captivaes;... longe ruído
De sordidas paixões, ou brilho estulto,
De pompa extravagante!
Deixai-me á sos, no enlevo d'esta tarde
Beber inspirações e no infinito
Minh'alma equilibrando, ir pelos ares,
Além, aos pés de Deus depor meus hymnos!

Ah Musa da saudade! amiga tarde
Quem não ama esse vên que lento esparges
Pela face dos céus?... com que chorando
A natureza envolve taciturna
A fronte scismadôra?... Quem não sente
No teu remanso como amigas flores
Brotarem no imo seio uns vagos sonhos
Como crenças d'amor que se remoçam
Como idéas da infancia, que se volvem
Ao coração, seu ninho abençoado?
No teu doce scismar todo embebido
Quem não presente um ser desconhecido
Coar-lhe n'alma o vaso auri-fluente
Da virgem poezia?

No horizonte
Todos amam 'spraiar a longa vista
E ver, em lagos d'ouro se apagando

Aereas formas, quaes errantes genios
A dizer-nos um adeus saudoso e triste!
Quem ha'hi que desdenhe, á longos fôlegos
Beber este ar tão puro, embalsamado
Da selva aberta em flôr, c'o cheiro agreste?
Quem ha'hi que não queira um só minuto
Ouvir no espaço uns vagos sons perdidos
Como notas finaes d'harpa sonora
Que fere um anjo nos confins dos mundos?

Podêra! ah se eu podêra!
D'uma tarde perenne ao morno seio
Derramar da existencia o negro calix!
Entre milhões de tetricos cuidados
Não veria minh'alma aferrolhada
Viera do caminho á estancia amada
Verter nos ares como fresco aroma
Minhas pobres canções, virgens de affectos.

Nem tredas me turvaram
Do monstro das paixões as negras furias
O rir acalentado.
Qu'importára qu'o mundo... pobre louco!
Contra mim aguçando as duras settas
Do desprezo e do opprobrio me seguisse
Rindo d'escarneo, os passos mal seguros?
Longe eu diria,— longe! homens estultos
Qu'a mente captivaes,— longe! ruído
De sordidas paixões, ou brilho efemero
De pompa extravagante
Minh'alma, equilibrada no infinito
Já tem por nada este prazer do lódo!...

Agosto de 1877.

L. D. F.

CHARADAS

As decifrações do n. 3 eram: olaria, argola, genero e lavapés.

Para hoje temos as seguintes:

- 1—2 Era um pretexto e uma vasilha este estofo.
1—2 Na cintura e nos mattos encontra-se um globo.
2—2 Amarra esta especie de vigia.
1—2 Esta lettra é gloria de um noviço.
2—2 O leito é um animal irracional.

Logogripho acrostico

eis aqui um lindo nome, 7, 3, 1, 5, 6, 7.
Um nome bem conhecido, 3, 2, 5, 1, 7.
Montão é de muitas cousas 6, 5, 4, 7.
Zome é e mui querido. 4, 7, 6, 5, 7.
O primeiro dentre todos, 2, 4.
Zui vivas côres tem; 7, 6, 7, 6, 7.
Zu immenso e cinge a terra 4, 7, 6.
Musical o é também. 7, 6, 5, 7.
Um peixe largo e chato, 7, 6, 6, 7, 5, 7.
Instrumento e fructa é; 3, 5, 4, 7.
Todos delle têm carencia, 7, 6.
Oh! neste nome tenho fé. 3, 5, 7.
Teitor, quereis o conceito?
Immediato vais o saber:
Zome é e d'uma flôr;
Cedica-lhe o meu coração
O mais puro e santo amor,